

Arte de Rua¹

Francisco Inácio da Silva MALLMANN²

Paulo Roberto Ferreira de CAMARGO³

Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, PR

RESUMO

O presente projeto engloba a elaboração de uma matéria jornalística enquanto exercício de recursos jornalístico literário. A matéria intitulada “De Quem É a Rua?” utiliza elementos característicos do jornalismo literário tais como a descrição e o uso aprofundado de personagem. A origem da pauta, estabelecida pela disciplina, era a temática “dia”. O que se propôs, ao se revelar as manifestações artísticas existentes nas ruas centrais de Curitiba, foi uma produção jornalística que englobasse questões existentes nas discussões da arte contemporânea: a acessibilidade e os espaços artísticos.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo literário; jornalismo; Curitiba; arte urbana.

1 INTRODUÇÃO

O presente *paper* é a teorização do resultado de um exercício proposto na disciplina de Produção e Edição de Revistas do curso de Comunicação Social – Habilitação Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Alunos do 5º período, sob a orientação do professor Paulo Camargo, deveriam produzir matérias jornalísticas com características do jornalismo literário, cuja única temática estabelecida para a elaboração das pautas era “dia”. Na matéria “De Quem É a Rua?”, o que se propôs foi revelar as principais manifestações artísticas e culturais do centro de Curitiba pela perspectiva do olhar do passante: um público leigo, espontâneo e independente. Um espectador que acessa sem convite, horário marcado, informações prévias e restrições às obras de arte no espaço público.

2 OBJETIVO

Tem-se como objetivo principal a elaboração de uma matéria jornalística, com a temática “dia”, usando elementos do jornalismo literário. A pergunta que guia o trabalho é “quem é o público da arte urbana?”, já que a recepção das manifestações artísticas nos ambientes públicos é a discussão principal da matéria. Os questionamentos presentes na elaboração do trabalho vão de encontro com discussões sobre a arte contemporânea, a privatização da arte, a acessibilidade e o jornalismo literário e cultural. A matéria foi capa da publicação CDM – Revista Laboratório do Curso de Jornalismo da PUCPR – Ano 11 – Edição 26. A revista é desenvolvida por todos os alunos dos 5º e 6º períodos.

¹ Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na Categoria Jornalismo, modalidade 13 – Produção Jornalismo Literário e/ou de Opinião (avulso/ conjunto e série).

² Estudante do 7º. Semestre do Curso Comunicação Social – Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR, email: francisco.mallmann@yahoo.com.br.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR – Jornalismo, email: prfcamargo27@gmail.com

3 JUSTIFICATIVA

As discussões que permeiam a arte contemporânea comumente têm como pontos principais a recepção e a geografia. Muito se discute sobre a acessibilidade dos espaços institucionalizados de arte e cultura e a legitimação do que é ou não arte (e quem a julga). Em um contexto em que, como apresenta Bourriaud (2009), a arte não se apresenta como um exercício de essência é imutável, mas como um “jogo cujas formas, modalidades e funções evoluem conforme as épocas e os contextos sociais” (p. 15), é de grande importância que as reflexões críticas sobre a arte, em seus mais variados exercícios e estados, estejam associadas muito mais ao esclarecimento da obra frente ao público do que ao criador. Ao se deslocar o foco para o espectador, percebe-se que questões ligadas à técnica e avaliação se tornam secundárias em um processo em que o contexto e a sensibilização são cruciais para a fruição artística.

O presente trabalho considera, portanto, a possibilidade da arte como *relacional*, conceito que se apresenta como “(...) uma arte que toma como horizonte teórico a esfera das interações humanas e seu contexto social, mais do que a afirmação de um espaço simbólico autônomo e privado” (BOURRIAUD, 2009, p.19). A urbanização generalizada, marco pós-Segunda Guerra Mundial, permitiu o deslocamento e um intercâmbio social entre os indivíduos, circunstância que se reflete na maneira com que a arte passou a se constituir: hoje, ela é feita de aberturas para a discussão ilimitada. A urbe, o espaço urbano, segundo Bourriaud (2009, p. 21), produz o seguinte quadro:

Esse regime de encontro casual intensivo, elevado à potência de uma regra absoluta de civilização, acabou criando práticas artísticas correspondentes, isto é, uma forma de arte cujo substrato é dado pela intersubjetividade e tem como tema central o estar-juntos, o “encontro” entre observador e quadro, a elaboração coletiva do sentido.

Um contexto que considera, além do caráter simbólico e material da obra artística, o seu poder de interstício social. Nesse sentido, a arte em locais públicos propõe a criação de espaços livres, cuja duração e acesso são diferentes de espaços normativos e institucionalizados de arte (museus, galerias, teatros). O objetivo principal é inserir, em um processo contínuo, o fator humano no artístico e vice-versa: “a arte é um estado de encontro fortuito” (BOURRIAUD, 2009, p. 25).

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O jornalismo literário é classificado como um jornalismo que vai além do *lead*: não é de extrema importância que sejam respondidas da maneira convencional as perguntas “O que? Quem? Quando? Onde? Como? Por quê?”. O jornalismo literário, ao desenvolver grandes reportagens, perfis, biografias, une o texto jornalístico e a literatura proporcionando maior espaço à subjetividade e à liberdade formal e temática. Dá ao leitor uma visão ampla sem o caráter normativo da informação rápida e direta.

Alguns autores, no entanto, antes de diferenciar em gêneros o jornalismo, defendem que o próprio jornalismo é literatura. Para Alceu Amoroso Lima (2003),

(...) O jornalismo não é literatura pura, sem dúvida, como é um poema, no qual a palavra vale apenas como palavra (embora nele se contenha o mundo) e não como transmissão de um pensamento ou de uma mensagem. O jornalismo tem sempre, por natureza, como veremos, um fim que transcende ao meio. E por isso, sempre que esse reduzir o meio (a palavra)

a um simples instrumento de transmissão, deixará de ser jornalismo para ser apenas publicidade ou propaganda, ou noticiário, ou anúncio. (p. 38).

Tal concepção só é possível, porque, segundo o autor, o jornalismo é uma prosa de apreciação de acontecimentos. “O jornalismo possui quatro caracteres de especificação crescente: é uma arte verbal; é uma arte verbal em prosa; é uma prosa de apreciação; é uma apreciação de acontecimentos”. (AMOROSO LIMA, 2003, p. 55).

A dificuldade de definição do que realmente se trata o fazer jornalístico e, em especial, o jornalístico literário, é, segundo Pena (2006), histórico:

No Brasil, o Jornalismo Literário também é classificado de diferentes maneiras. Para alguns autores, trata-se simplesmente do período da história do Jornalismo em que os escritores assumiram as funções de editores, articulistas, cronistas e autores de folhetins, mais especificamente o século XIX. Para outros, refere-se à crítica de obras literárias veiculadas em jornais. Há ainda os que identificam o conceito com o movimento conhecido como New Journalism, iniciado nas redações americanas da década de 1960. E também os que incluem as biografias, os romances-reportagem e a ficção jornalística (p. 21).

O Jornalismo Literário se apresenta como uma forma diferenciada no campo jornalístico porque une elementos de áreas distintas: o jornalismo e a literatura. As características principais revelam a diferença dos campos, já que o texto do jornalismo literário apresenta uma apuração estética mais intensa, vinda da literatura, mas também uma busca pela verossimilhança, elemento próprio do jornalismo.

Para Felipe Pena (2006) o jornalismo literário tem como objetivo

Potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos (p.13).

Para a elaboração da matéria “De Quem É a Rua?” alguns recursos do jornalismo literário foram utilizados. Tomou-se como fundamentação teórica os elementos identificados por Wolfe (2005): construção cena-a-cena, exposição, digressão, figuras de linguagem e símbolos, citações diretas e registro de diálogos completos, registro de hábitos, costumes, roupas e outros detalhes representativos, ponto de vista, fontes, dados e documentação.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Partindo dos temas expostos, a matéria, de aproximadamente seis mil caracteres, começou a ser elaborada. Por conta da visualidade evocada pelo tema, estabeleceu-se que o primeiro a ser pensado e idealizado seriam as fotografias, das obras, das manifestações artísticas espalhadas pela cidade. Encontrar a cor entre as ruas centrais, os paralelepípedos, os prédios. Foi com um trabalho de campo, em um domingo, fotografando e conhecendo as obras retratadas na matéria, na região do Largo da Ordem, centro de Curitiba, que o tom da matéria foi definido: tratar da arte urbana na perspectiva de um transeunte.

cdm
EDITORIA

DE QUEM É A RUA?

A arte no espaço público desconstrói as hierarquias entre arte erudita e popular

Francisco Mallmann

Foto: Francisco Mallmann



Mural na XV de Novembro tem como inspiração o filme *O Iluminado*, de Stanley Kubrick.

06 | REVISTA CDM | JORNALISMO EXPERIMENTAL



As manifestações culturais no Lago da Ordem, região central de Curitiba, vão desde performances até intervenções urbanas.

“Provocar tensão entre o público e o passante.”

– Ricardo Nolasco, diretor teatral

Sexta-feira, quatro da tarde, Rua XV de Novembro. Um transeunte contempla o grande mural. O mesmo afresco que emprega na análise do paredão e utilizado para dispor muita primeira tentativa de contato. “Mas por que em? Fede pra elas ali. Elas têm cara de quem quer falar”, disse, enquanto apontava para duas meninas sentadas nas escadas do Guariniã. Ele, cujo nome é Rubens Fesira, não queria dizer nada. “Eu estou só olhando, moço”. De fato, ele seria o mais discreto dos pedestres, que ninguém ouzaria important, se não fosse o único que parou no meio da calçada para ver o edifício em frente. Não havia como competer com o co-lerido dos cabelos das meninas, com as tatuagens de um sujeito do outro lado da rua ou com tantos outros passantes.

A autenticidade de Rubens ficou, como descobri mais tarde, por conta de um hábito seu: parar para ver.

Depois da insistência, se pôs a conversar. Essa rua faz parte do traço da volta do trabalho. É o caminho que faz, diariamente, desde o início do ano passado, quando foi morar ali por perto. Todo dia, analisa algum elemento da cidade que chame a sua atenção. No dia anterior, foram os fios elétricos: “Você já reparou como se embolam?”. Mas o grande paredão, que leva o resto de Jack Nicholson, não havia ainda despertado o interesse dele. Impossível, ele é gigantesco! A explicação é a distração e o fato de gostar “dos detalhes, do que é pequeno e único”. Mas agora que reparou, pôde dizer com voz de pesto que “é bem fei-

JORNALISMO EXPERIMENTAL | 07

Figura 01: versão impressa da matéria, publicada na revista CDM, do curso de jornalismo da PUCPR.

Fonte: o autor

“Não há como tomar o espaço público buscando homogeneização.”

– Danielle Campos, atriz

to, é diferente. Não é sabido como a maioria”. Logo depois, me mandou anotar que era funcionário público e não entendia nada disso: “Falo como alguém que anda na rua”.

É para “alguém que anda na rua”, assim como Rubens, que o muro em questão foi criado. O mural de Eduardo Melo, que fica no Edifício Inter Walter Sprengel, na Rua XV de Novembro, ao lado do teatro Guariniã, faz parte de um projeto chamado “Motion Layers”, que contempla a criação de murais públicos em edifícios da capital. São enormes paredes que ganham cor e público. O que antes era um lugar de passagem, agora se torna um espaço de apreciação de uma obra. De arte?

Juliana Tonin, artista plástica e estudante de Artes Visuais na Faculdade de Artes do Paraná, diz que sim, e parte da ideia de que a arte da rua é um desdobramento de uma visão crítica sobre os espaços de arte. “Entra aí uma discussão sobre os espaços institucionalizados, como museus e galerias, onde só se enquadram artistas renomados pelo mercado, e também a discussão sobre quem diz o que é arte hoje em dia”, diz ela.

Juliana vê em ações como a dos artistas envolvidos no “Motion Layers” algo que subverte o mercado “exclusivista e excludente” da arte. A arte de rua, segundo ela, é uma reação a esse mercado, que dá a todos o poder do olhar estético, e isso numa local que usualmente é considerado um “não lugar”. “Essas discussões são contemporâneas e indicam um entendimento da cidade como processo e não como algo imutável”, diz fazendo um gesto circular com as mãos indicando um processo contínuo.

O público, enquanto platéia, é abrangente e a definição de arte no espaço público também, segundo a artista plástica. Ela vê a apropriação da rua como um espaço democrático de fruição de arte, mas também entende que nem tudo o que acontece nesse ambiente deve ser considerado arte. “A princípio, entendo que é arte algo que foi pensado para provocar e ou ser belo”, diz, mudando o tom e o ritmo da voz, para esclarecer que seu entendimento de belo “passa pelo kitsch, grotesco e outras possibilidades abertas na contemporaneidade”.

Em relação ao público da arte de rua, Ricardo Nolasco, diretor teatral e performer, acredita que ele pode ser definido como “não programado”. “Por mais que se marque uma hora, sempre há a possibilidade do passante, do desaviado. Nesse sentido, a arte de rua dialoga com a cidade, com o transeunte, com o não programado. A arte de rua precisa entender esse espaço como di-

alético, como um lugar que possui tensões e está apto a transformar-se”, diz ele.

Sobre a concepção da arte que se constitui num espaço público, de passagem e de acesso abrangente, Nolasco acrescenta ao entendimento de espaço público a noção de espaço virtual, tão natural para os “habitantes do século XXI”, para enfatizar que esta é uma arte que não precisa de “autorização” assim como, teoricamente, a rede. No seu último trabalho, *Mimêdejar*, apresentado no Festival de Curitiba, feito parte na rua e parte no TUC (Teatro Universitário de Curitiba), ele colocou platéia numa área dominada por usuários de drogas e reconstruiu o ambiente como cenário de sua peça antes de adentrar ao teatro. “Eu revelava ao público a cidade como uma cenografia para a cena porque queria criar esse diálogo, brincar com a grande ensenação para, a partir dela, fazer surgir as primeiras personagens. Provocar tensão entre o público que ali estava para ver uma peça num horário específico e o passante”, conclui.

Trabalhar com o público desconhecido exige um pre-paro específico em todas as fases de concepção e elaboração do projeto artístico. Danielle Campos, atriz e performer, pesquisa performance, ready made e happening há mais de cinco anos e estuda a interação entre o público e a obra de arte. “Quando a obra de arte sai de espaços institucionalizados e toma a rua, precisa-se estar ciente que existe o acaso, o risco, o imprevisto, o acidente e uma maior interação”, diz ela. Não são elementos singulares da arte de rua, mas são, segundo Danielle, características que se potencializam e exigem um maior cuidado na idealização sobre a arte urbana, que ele vê até mesmo no portão. Independentemente do lugar em que habita nesse grande conjunto de públicos, o que ele tem para dizer sobre a arte espalhada a céu aberto pela cidade é que “acho que se trata de uma necessidade. Não importa se gosta ou não. Já pensou se não tivesse uma cozinha?”. Já pensou? ■

O Rubens que não queria falar, definitivamente não se reconheceria no Rubens que gastou um bom tempo discorrendo sobre o mural. Ele não soube me dizer por que gostava tanto dele, assim como não identificou a origem da sua curiosidade sobre a arte urbana, que ele vê até mesmo no portão. Independentemente do lugar em que habita nesse grande conjunto de públicos, o que ele tem para dizer sobre a arte espalhada a céu aberto pela cidade é que “acho que se trata de uma necessidade. Não importa se gosta ou não. Já pensou se não tivesse uma cozinha?”. Já pensou? ■



Mural de Ilmon Guimarães na Casa Hoffmann, no centro histórico da capital paranaense

JORNALISMO EXPERIMENTAL | 07

“Entra aí uma discussão sobre quem diz o que é arte hoje.”

– Juliana Tonin, artista plástica

06 | REVISTA CDM | JORNALISMO EXPERIMENTAL

Figura 02: versão impressa da matéria

Fonte: o autor

O principal aspecto das obras, por estarem espalhadas pela cidade, é de que são públicas, livres, cujo acesso não recebe nenhum tipo de restrição e indicação. Frente a isso,

decidiu-se que a personagem principal da matéria, não seria um público frequente de espaços artísticos, um público iniciado, especializado em arte. A escolha também torna-se uma maneira de efetivar o que se discute: a obra de arte acessível, a reflexão sobre a fruição artística sem as amarras acadêmicas de crítica, técnica e soberania.

Sobre a escolha de personagem, Humberto Werneck (in LINDOSO, 2007, p.70), diz que

os jornalistas podem, devem usar a imaginação. Por exemplo, incorporar aspectos de comportamento ao mundo do jornalismo cultural, enriquecendo-o, dar vida, colorido, consistência física a personagens que tantas vezes são tratados na imprensa como se fossem apenas emanções de aspas.

E ainda: “O jornalismo só tem a ganhar quando o repórter consegue encaixar o personagem numa moldura adequada, viva, capaz de iluminá-lo” (in LINDOSO, 2007, p.70).

Além do passante, Rubens, também foram entrevistados artistas, todos envolvidos com a academia, Ricardo Nolasco, ator, diretor e *performer*, Daniele Campos, atriz, diretora e *performer*, Juliana Tonin, artista plástica.

O processo de escrita da matéria seguiu um único objetivo: narrar o trajeto feito por Rubens, um senhor, que no caminho de casa até o trabalho, analisa as “obras” que vê pela cidade. Em relação ao olhar de Rubens, há as reflexões acadêmicas e restritas das fontes consultadas. Embora houvesse a preocupação de se ouvir especialistas, trata-se de uma produção que teve origem no olhar do espectador leigo. Embora não se quisesse tornar matéria excessivamente fácil, a ponto de parecer ingênua.

As escolhas em relação às informações visuais e textuais seguiram o mesmo posicionamento: a acessibilidade. Escreve-se a partir do olhar de quem passa e pode fruir artisticamente sem ter sido propriamente convidado, informado e instrumentalizado. As obras que constam na matéria foram acessadas por quem a escreveu da mesma forma com que se relata: estavam no caminho, no trajeto. Para serem vistas, escritas e reescritas.

6 CONSIDERAÇÕES

A matéria, ao explorar recursos do jornalismo literário e pautar temas culturais, dá espaço para a divulgação de manifestações artísticas livres e acessíveis. Engaja-se ao discutir e refletir sobre o cenário artístico, muitas vezes associado diretamente ao mercado e grandes instituições cujo objetivo é o lucro. Ao deslocar o olhar para o passante, o transeunte, para o público “desavisado”, inverte-se o sistema vigente: é sobre o olhar do espectador, não pagante, não instruído e sem restrições de apreciação.

A história (porque é de histórias que o jornalismo se faz) parte da percepção de um anônimo habitante de Curitiba para discussões restritas, e às vezes, inacessíveis pelo grande público. Questões ligadas à *performance*, *ready-mades*, instalações, arte experimental foram tratadas na matéria como forma de divulgação, tradução e difusão da arte curitibana, urbana, atual.

Sobre a divulgação da arte, Humberto Werneck (in LINDOSO, 2007, p.67) diz:

(...) não se trata de “dar uma força para o artista”, mas, sim, de dar uma força para o leitor, que tem o direito de conhecer as coisas magníficas que estejam acontecendo por aí, e que a imprensa, tantas vezes, por opção ou simples ignorância, esconde dele.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMOROSO LIMA, A. **O jornalismo como gênero literário**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética Relacional**. São Paulo: Martins, 2009.

LINDOSO, Felipe (org.). **Rumos [do] Jornalismo Cultural**. São Paulo: Summus: Itáu Cultural, 2007.

PENA, F. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

WOLFE, T. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005